

**I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória - ES.**

**JOVENS E PROJETOS DE FUTURO: ENTRE CLASSE SOCIAL, GÊNERO E REDE DE SOCIABILIDADES**

Alessandro da Silva Guimarães – *UFES (Doutor em Educação e docente do Centro de Educação – DEPS UFES)*

Deonato Feltz Júnior – *UFES (Mestrando do PPGEF)*

**Resumo:**

Esta pesquisa teve como objetivo buscar compreender as trajetórias de vida e os projetos de futuros de jovens de classes populares integrantes de um grupo do Programa Agente Jovem localizado numa região urbana e periférica no município de Vitória-ES. A partir de uma pesquisa qualitativa que buscou acompanhar o cotidiano destes jovens em sua comunidade (a partir dos encontros diários do projeto social que ali aconteciam), percebeu-se, especialmente a partir das observações e posteriores entrevistas realizadas a partir de grupos focais, que as questões de classe social e gênero estão profundamente enraizadas na constituição subjetiva destes jovens, influenciando desde os lugares frequentados por eles até as redes de sociabilidades aí traçadas e seus próprios projetos de futuro. Desse modo, concluímos que para pensarmos os projetos de futuro destes jovens é imprescindível estarmos atentos as condições materiais, afetivas e sociais que eles vivem no presente e como diferentes dimensões de seu cotidiano (como as questões de gênero, classe social e as redes de sociabilidade) estão se entrelaçando simultaneamente dentro de uma complexa relação.

**Palavras-chave:** Projetos de futuro; Gênero; Classe social

## INTRODUÇÃO

Este artigo, que é parte integrante de uma dissertação de mestrado defendida no ano 2009 no PPGE-UFES intitulada “trajetórias de vida e projetos de futuro de jovens de classes populares: um estudo de caso de agentes jovens do município de vitória/es”, tem como objetivo mostrar alguns resultados de um estudo de natureza qualitativa que teve como foco compreender as trajetórias de vida e os projetos de futuro de jovens atendidos pelo Programa Agente Jovem no município de Vitória. Nossa proposta principal aqui foi a de dialogar com os sujeitos jovens integrantes desse programa a fim de, entre outros objetivos, dar voz à história de vida de alguns desses jovens e identificar as suas percepções e representações de mundo quais as possibilidades que eles vêem em relação ao seu próprio futuro e quais impactos que o Programa teria em suas vidas tanto no momento presente quanto no futuro.

Em termos metodológicos a pesquisa seguiu os moldes de uma pesquisa etnográfica onde foi acompanhado o cotidiano do grupo na comunidade onde os jovens residem e onde aconteciam também os encontros do Programa Agente Jovem. Utilizou-se também, ao final do processo de coleta de dados, de entrevistas feitas a partir de grupos focais. Pudemos, através da observação participante, acompanhar o cotidiano do grupo e investigamos como as trajetórias de vida destes jovens e suas representações de mundo não são estruturas isoladas, mas, ao contrário, são subjacentes aos contextos de socialização no qual eles estão inseridos.

É importante destacar que o Projeto Agente Jovem é um programa de ação governamental que visa a atender jovens com idades entre 15 e 17 anos residentes em áreas periféricas, que têm em comum a carência material e a exclusão social da maior parte da população que vive nesses lugares. O objetivo maior do projeto, proposto nos documentos oficiais, é buscar a inserção desses jovens no bairro, na escola, na família e na sociedade como um todo. O Programa é definido nos seguintes termos:

Iniciativa do Governo Federal desenvolvida em parceria com a Prefeitura de Vitória, o Agente Jovem oferece capacitação teórica e prática a adolescentes de 15 e 17 anos e 11 meses nas áreas de Cidadania, Meio Ambiente e Saúde. Por meio de atividades que não configuram trabalho, o jovem adquire conhecimentos que pode multiplicar em sua

família e comunidade onde reside (PROGRAMA AGENTE JOVEM, acesso em 25 out. 2007).

Trata-se, dessa forma, de promover um processo socioeducativo no qual esses agentes são preparados e capacitados por um corpo técnico-pedagógico (formado pelos orientadores, instrutores e técnicos do projeto) que deverá trabalhar junto a esses jovens – fornecendo materiais, desenvolvendo técnicas e metodologias específicas – com o objetivo de que eles atuem em suas comunidades realizando trabalhos de apoio a diversas áreas, como cultura, turismo, esporte, saúde e meio ambiente. De acordo com as próprias normas e diretrizes nacionais do Projeto Agente Jovem de Desenvolvimento Social e Humano (MINISTÉRIO DA PREVIDÊNCIA E AÇÃO SOCIAL, 2000), o projeto tem, como principais objetivos específicos:

- a) ajudar o jovem adolescente a compreender que é possível planejar e construir seu próprio futuro;
- b) estimular o papel de protagonista jovem;
- c) fornecer instrumentos conceituais que permitam ao jovem se transformar;
- d) preparar o jovem para atuar de modo cooperativo e para contribuir na transformação da própria sociedade onde está inserido;
- e) promover o resgate de vínculos familiares, comunitários e sociais;
- f) preparar o jovem para o mundo do trabalho;
- g) centralizar as ações com os jovens na família;
- h) contribuir para a melhoria dos indicadores sociais como decorrência da ação do agente jovem.

Para alcançar de algum modo nosso objetivo de compreender os projetos de futuro desses jovens, procuramos mergulhar no cotidiano do Programa e, a partir dali, conhecer melhor tanto os jovens quanto o movimento cotidiano do próprio Programa. Afinal, tal como explica Camacho (2004), pesquisar o Programa Agente Jovem em práticas cotidianas é perceber também as duas dimensões que perpassam as práticas aí instauradas: por um lado, a dimensão prescritiva que coloca o Programa como uma instância educacional não formal, com regras e normas claramente definidas em suas normas e diretrizes e também no processo de planejamento que envolve os educadores e a equipe técnica e, por outro lado, o Programa em suas práticas cotidianas que são recriadas pelos jovens ali inseridos que trazem consigo

suas trajetórias individuais e valores diversos, como explica Camacho (2004, p. 11) em sua análise:

O Projeto Agente Jovem apresentou duas dimensões que merecem destaque. De um lado há o Projeto enquanto uma instância educacional não institucionalizada não-convencional com suas regras e normas objetivando a formação do cidadão agente jovem. De outro lado, e simultaneamente, está o Projeto Agente Jovem sendo construído no cotidiano pelos diversos sujeitos com suas regras e normas próprias, com seus valores e desejos e com suas histórias e trajetórias. Ora prevalece uma dimensão, ora prevalece à outra. E em várias situações ocorrem tensões e movimentos de resistência.

De acordo com nossos objetivos, pretendemos, portanto, pelas trajetórias biográficas desses jovens e de seus projetos de futuro, constituir um estudo descritivo-analítico que possa promover de algum modo uma intersecção das três categorias temporais que cotidianamente usamos para distinguir a própria passagem do tempo: presente, passado e futuro. Não existe aqui também a pretensão de seguir uma lógica linear do tempo, mas entendemos que cada uma dessas dimensões temporais encontra-se num jogo de tensões e de relações múltiplas entre essas distintas dimensões temporais que não são estanques, mas que, a cada acontecimento do passado ou presente, por exemplo, pode ressignificar ou reatualizar as estruturas cognitivas e semânticas de um agente social em relação às próprias perspectivas de futuro.

## ALGUMAS PALAVRAS SOBRE JUVENTUDE

Como afirma Spósito (2003), por outro lado, o Brasil é um país de grandes contrastes, à medida que, em meio a grandes mudanças modernizadoras que se processaram nas últimas décadas, permanecem instituições sociais e práticas políticas ainda arcaicas, com raízes nos valores e estruturas da sociedade patriarcal, fazendo com que as relações sociais traduzam isso. Em relação ao campo de políticas públicas para a juventude, Spósito (2003) destaca que vivemos hoje tempos sociais simultâneos que são marcas das relações contraditórias que se expressam nessa conjuntura. Assim, enquanto sequer conseguimos implementar, de fato, políticas sociais de caráter universal que atendam aos direitos que a modernidade assegurou

como direitos básicos<sup>1</sup> – como saúde e educação pública de qualidade, por exemplo – vivemos, de forma contraditória, “O dilema das novas formas de sociabilidade e de constituição das subjetividades no interior do movimento de globalização que constitui as sociedades atuais” (SPOSITO, 2003, p. 58).

Todavia, a autora nos chama a atenção para o fato de que pode ser observado também “[...] um campo de iniciativas emergentes e de formas inovadoras de proposições que têm os jovens como alvo” (SPOSITO, 2003, p. 58).

Castro (2004, p. 293), ao enumerar as dificuldades e os elementos complicadores para a elaboração de políticas públicas para as juventudes, coloca-nos os seguintes erros geralmente cometidos:

- Não conceber os jovens como atores com identidade própria;
- Não se considerar a diversidade entre juventudes versus diversidades e articulação em relação a objetivos comuns;
- O jovem, o outro construído - pensar a juventude por um dualismo ‘adulocrata’ e maniqueísta e por antagonismos intergeracionais;
- Desconsiderar a especificidade quanto a direitos humanos – estudar, divertir-se, exercitar-se, investir em autonomia, buscar ser crítico-criativo e ter assegurada sua manutenção econômica e afetivo-familiar.

Para essa autora, deve-se, acima de tudo, ao elaborar programas voltados para os jovens, observar que:

Caberia pensar não políticas públicas para a juventude, mas políticas de/para/com as juventudes, o que significa tanto rejeitar políticas impostas por governos como, ao mesmo tempo, não minimizar o papel do estado. É do estado o papel de legislar,

---

<sup>1</sup> Sposito (2003) fala ainda do número significativo, embora em redução, do trabalho infanto-juvenil no Brasil e do crescente índice de desemprego entre os jovens no País.

administrar e implementar políticas públicas em consonância com a sociedade civil (CASTRO, 2004, p. 300).

A autora, inclusive, fala da construção de um novo paradigma voltado para a construção de políticas de/para/com as juventudes e que é orientado por cinco parâmetros básicos que formam os princípios de sua proposta. Esses parâmetros seriam, segundo ela:

- a) ético-políticos – que, entre outros, considera os próprios jovens como atores estratégicos na sociedade e na própria gestão de políticas juvenis, respeitando sua autonomia e sua formação cultural;
- b) de identidades juvenis – em que se associam identidades juvenis e identidades por gênero, etnia e orientação sexual, entre outros, dando uma resposta mais precisa à heterogeneidade dos grupos juvenis;
- c) de projetos voltados à questão da gestão ou formatação institucional – integrando programas e fortalecendo as redes institucionais entre a sociedade civil e as políticas implantadas, incentivando formas de gestão mais democráticas e interligadas nos níveis municipal/local;
- d) de apoio – no que concerne a se construir uma relação mais horizontal e atuante dos jovens nos meios de comunicação, criando uma imagem positiva e participativa, procurando incentivar também a pesquisa e a troca de experiência dos programas e políticas voltados para o público jovem;
- e) vetores – que significa conjugar políticas universais e focalizadas, além de evitar corporativismos e representações dominantes que, de alguma forma, impeçam o livre trânsito dos jovens na criação e implantação de políticas de/para/com juventudes.

Existem juventudes, ou seja, existem várias formas de experienciar juventude, ligadas às diferentes condições sociais, econômicas e culturais do grupo social no qual se está inserido. Além da questão de classe (que perpassa em especial Programas como Agente Jovem, que é voltado para jovens de uma classe socioeconômica específica, como já salientamos), juventude é também um conceito relacional, ou seja, os sujeitos inseridos nesses grupos também são singulares, pois são, ao mesmo tempo, portadores de várias dimensões sociais, psíquicas e culturais, como etnia, gênero, orientação sexual, opção religiosa, que se inter cruzam e criam uma realidade complexa.

## PROJETOS DE FUTURO E AS DIVERSAS QUESTÕES QUE SE INTERCRUZAM

Ao falarmos dos projetos de futuro dos jovens pesquisados vários aspectos podem ser destacados. Para iniciar, a representação negativa dos jovens diante do bairro e a falta de entrosamento do projeto acabava reforçando, de algum modo, se retroalimentando. Apesar de boa parte deles afirmar, inicialmente, gostar do bairro, ao longo das falas, ressaltavam características negativas em relação ao mesmo. O resultado desse processo é ainda mais claro nos projetos de futuro da maioria dos jovens que desejam, num futuro próximo, mudar daquele local, como mostram estas falas<sup>2</sup>:

Sinceramente, eu não gosto do bairro que eu moro. [Pretende permanecer aqui no futuro?] Eu não. Se Deus quiser, eu gostaria de permanecer em outro Estado sem ser esse, não é país, porque aqui é muito, como as meninas tavam falando, aqui é muito violento mermo, é só violência, é só briga, é só confusão, porque aqui, nesse mundo, ninguém tem paz, ninguém tem paz, é só violência, encrenca, morte (SARA, 16 ANOS).

Bem, não gosto do meu bairro e, se fosse por mim, já teria mudado há muito tempo e num futuro, não muito longe, eu desejo sair desse bairro (SELENE, 16 anos).

Ah, eu gosto, mas devia melhorar mais, porque o presidente do bairro só fica lavando, pegando o dinheiro da comunidade e melhorando a casa dele mais, assim pretendo ficar. Aqui é um bairro bom de morar, mas se eu melhorar de condição financeira, eu poco fora pra longe daqui (DIANA, 16 anos).

---

<sup>2</sup> Os nomes aqui mencionados são fictícios.

Eu gosto do bairro, mas, futuramente, pretendo sair do bairro. Esse bairro é uma bosta, verdadeiramente. Pretendo casar com alguém, sair daqui logo (ÍRIS, 17 anos).

Antes, eu gostava do bairro, mas só que eu vivi aqui uns, até os 15 anos agora, eu saí daqui e moro em outro lugar, mas antes não era bom, agora continua ruim. Aí eu peguei e saí mesmo, e acho que aqui não tem futuro mesmo, mas eu pretendo sair do morro, morar num lugar mais considerável. Pretendo trabalhar ter uma boa condição financeira e manter um lugar de classe (CIBELE, 16 anos).

Gosto [do bairro] não sei, talvez fico aqui. Depende da minha condição financeira. Se eu tiver bem vida, eu vazo mesmo (BRÍGIDA, 17 anos).

Gosto, Ah sei lá! Eu pretendo ir pra outro lado sei lá, outro lugar. Aqui não tem nada de bom. Ter um outro futuro, criar minha família noutro lugar (HERMES, 15 anos).

Alguns outros, embora minoria em relação ao primeiro grupo, expressam o desejo de continuar a morar no bairro futuramente. Suas justificativas refletem, sobretudo, o tempo que moram ali e as redes de relações que já estabeleceram com as pessoas do bairro:

Eu gosto aqui do bairro. Pretendo ficar aqui no bairro. Acho que vou morar aqui sim, construir uma casa boa. Já conheço todo mundo aqui (HERÁCLITO, 17 anos).

Eu gosto do bairro. Eu pretendo estudar pra ter uma renda pra sair daqui, mas senão também construir uma casa boa pra aqui morar, já moro aqui muito tempo, já conheço o bairro e tô acostumada a viver aqui (SOFIA, 16 anos).

Quanto à escola, os jovens colocam as dificuldades que enfrentam por estudarem numa rede de ensino com deficiências em sua estrutura, o que, segundo eles, cria um certo desânimo:

Oh, o que dificulta pra mim é a financeira, condição financeira de realizar esses sonhos, e assim pra você estudar, ter obstáculo, você desiste. Na minha escola mesmo tem tudo, tudo que você pensar tem. Não vou citar aqui mas a escola é uma porcaria, não é que é a escola, é os alunos que vão pra lá pra bagunçar. Lá tem professor que gosta de ensinar e tem professor porqueira mesmo, mas minha dificuldade mesmo mais é isso, é, às vezes



você pensa em desistir, mas pensa assim: ‘Pra você poder trabalhar, tem que tá estudando, senão não consigo nada’, mais é isso (DIANA, 17 anos).

Pra mim também, as condição financeira, assim a escola não ajuda muito, a escola onde eu tô. Se eu tivesse assim condição financeira boa, não tava na escola daqui. A escola desanima você estudar, porque nem toda aula tem professor, é muito raro quando tem professor na escola (HERÁCLITO, 17 anos).

Como vemos, para a maioria dos jovens, a escola não é reconhecida como alternativa para melhorar o futuro. Desse modo, bairro e escola não são valorizados na sua relação com os projetos de futuro da maioria desses jovens, fato este que fica bastante evidente em todas as suas falas sobre esses dois espaços.

Em relação às famílias, como vimos nas trajetórias dos jovens, as questões são mais heterogêneas, tendo em vista a própria diversidade das relações estabelecidas pelo jovem nos diferentes contextos. Existem, assim, tanto jovens que pretendem morar sozinhas, quanto jovens que pretendem se casar. Há tanto jovens que têm conflitos familiares, quanto jovens que demonstram ter uma convivência familiar mais pacífica. Existem também aqueles que não chegaram a explicitar suas trajetórias. É importante ressaltar que, entre as jovens do grupo, um terço delas já eram mães ao final da pesquisa (ou seja, das 09 meninas inseridas no grupo, três tornaram-se mães ao longo do projeto). Segundo o relato de duas das jovens que são mães, a chegada das crianças mudou significativamente suas rotinas de vida, como elas nos explicam:

Mudou, porque agora a minha responsabilidade tem que ser em dobro, minha responsabilidade tem que ser em dobro, agora eu não posso sair sozinha. Sempre que eu saio, eu tenho que levar meu filho, porque ele muito apegado a mim e agora tem que deixar tudo limpo, porque criança pega doença fácil. Toda hora eu tenho que correr e olhar porque senão se machuca, aí vem muitos cuidados, a pessoa tem que tá atenta a tudo, aí mudou certas coisas, agora eu pensei em até parar de estudar por causa dele, ele não fica com ninguém e não tá na creche, e minha mãe falou: ‘Olha, falta pouco tempo e tem que terminar’. Aí, geralmente, quando tem filhos as coisas ficam mais difícil (CIBELE, 16 anos).

Percebemos, nessas falas, que, enquanto Cibele fala mais claramente das mudanças em seu cotidiano que ocorreram com a maternidade, Diana acaba construindo um discurso contraditório, pois, ao mesmo tempo em que afirma que a filha não lhe impediria de fazer nada, logo em seguida ela diz que não pode chegar ou sair em qualquer horário por causa da criança. Ou seja, mesmo que, a princípio, tente negar, ela acaba confirmando que teve que assumir preocupações e responsabilidades que advieram da maternidade, diferentemente de outras jovens.

Mesmo os outros jovens do grupo – inclusive as outras jovens que ainda não são mães – percebem que existem mudanças nas rotinas de vida das moças que se tornam mães tão jovens:

Eu acho que influenciam, sim, porque, a partir da hora que a menina já tem uma filha, um filho, a responsabilidade dela é maior, ela já não tem mais seu tempo livre, ela não tem mais tempo pra ela, vai ter que dedicar ao seu filho, mas todas as coisas que ela for fazer não tem que pensar só nela, mas no seu filho. As meninas que não têm filho têm o tempo mais livre a acredito tem mais tempo pra estudar e ter um futuro melhor (MARIA, 16 anos).

Eu também acho que tem uma diferença, eu acho igual a Dani falou a questão da responsabilidade. Acho que elas têm que amadurecer muito cedo, e que esse amadurecimento que torna elas diferentes, porque acho que é por causa da responsabilidade que elas tomam muito cedo, que têm que correr com isso, por não pensar só nelas, mas nos filhos. Acho que é uma responsabilidade a mais, e a gente tem uma responsabilidade que se preocupa só mais com a gente mesmo e não com quem se preocupar (LIA, 16 anos).

Entre outras questões, Pinheiro (2000) examina a questão da gravidez na entre jovens mulheres à luz da perspectiva sociocultural, mostrando que a maternidade entre as jovens mães adolescentes se inscreve num dado contexto social e que esse enfoque busca compreender esse fenômeno como uma manifestação presente em uma rede de significações sociais e culturais que lhe dariam sentido. De acordo com a pesquisadora, neste ângulo, a maternidade entre essas jovens:

[...] representaria então, a busca de um novo status social, influenciada pelos modelos e valores vigentes em determinado grupo social, consolidando-se como alternativa de construção de um projeto de vida compatível com as expectativas, normas e possibilidades disponíveis (PINHEIRO, 2000, p. 248).

A gravidez e a maternidade não constituiriam, então, um mero evento biológico ou corporal “[...] mas constituem eventos culturais submetidos à ordem simbólica vigente no grupo social em que ocorrem” (PINHEIRO, 2000, p. 248). Neste processo, inclusive, encontramos diferentes perspectivas quanto ao significado da gravidez, tendo em vista diferentes classes sociais, como indica Pinheiro (2000, p. 248):

Entre as classes economicamente mais favorecidas, observa-se a valorização da formação acadêmica e profissional, devendo a maternidade e/ou a constituição de uma família ser adiados de forma a não comprometer a futura inserção no mercado de trabalho e a conseqüente aquisição da autonomia financeira. Entre as classes populares, alijadas do sistema educacional desde as séries iniciais e, sem maiores perspectivas frente ao mercado de trabalho, as fontes de gratificação e reconhecimento permanecem, para a mulher, ligadas ao desempenho dos papéis de esposa e mãe.

Existe ainda um aspecto que perpassa a trajetória de todos esses jovens: a inserção num determinado contexto de classe. Afinal, todos são jovens de classes populares e compartilham, portanto, certas limitações colocadas pela falta de acesso – pelo menos na maioria dos casos – às diferentes formas de capital (no sentido de Bourdieu) que, muitas vezes, acabam se tornando pré-requisito para o êxito de determinados projetos (conseguir o emprego desejado, ingressar na universidade, ascender socialmente). Foi interessante perceber que os jovens mesmos colocam as limitações econômicas como grande empecilho para a realização de seus projetos de vida, como podemos perceber nestas falas:

Bom! Jovem, tem pobre e jovem rico. Bom, jovem rico é diferente, mas jovem pobre tem muitas dificuldades, como, às vezes, não ter comida em casa, a mãe trabalha pouco, a mãe nem sempre tem dinheiro pra comprar comida, pra alimentar a família, mas o jovem rico ele abusa, abusa daquilo que é dele, daquilo que pode ser pro futuro dele, aquilo que pode servir pra fazer um curso, uma faculdade e se formar, porque o jovem rico... O jovem pobre não tem essas possibilidades, as possibilidades dele é diferente, ele é assim, ele tem mais dificuldade (SARA, 16 anos).

Desânimo, é assim sei lá. Se você não acreditar, você não vai conseguir. Aí tem vez que você desanima, fica pra lá, porque muitas das vezes ta chato, né? É muita coisa, muita barreira, às vezes, sim, financeira, é isso (BRÍGIDA, 17 anos).

A minha dificuldade é financeira. Eu acho, sim, por mais que a gente luta, sempre tem um ali pra puxar você pra trás, sempre tem e, se você não tiver persistência, você nunca chega a lugar nenhum. Por mais que você já esteja cansado, você tem que persistir que senão você não consegue nada (ÍRIS, 17 anos).

Acho que, pra todo mundo, a dificuldade financeira, trabalhar mesmo ir em frente. Até lá meu filho vai tá maior, vai ta na creche, aí não vai ser problema, não. A maior dificuldade vai ser arrumar emprego mesmo e trabalhar (CIBELE, 16 anos).

Destacamos aqui ainda, em termos dos resultados desta pesquisa, que entre os jovens integrantes do grupo pesquisado, apesar das singularidades inerentes às trajetórias biográficas de cada um deles, é possível traçar algumas intersecções em comum entre algumas dessas trajetórias, pensando-as como formas de *habitus* que se constituíram a partir de contextos de socialização semelhantes (contextos de gênero, religiosos, familiares, etc.). Todavia, existe um aspecto que perpassa a trajetória de todos esses jovens: a inserção num determinado contexto de classe. Afinal, todos são jovens de classes populares e compartilham, portanto, certas limitações colocadas pela falta de acesso – pelo menos na maioria dos casos – às diferentes formas de capital, no sentido de Bourdieu (1983), que, muitas vezes, acabam se tornando pré-requisito para o êxito de determinados projetos (conseguir o emprego desejado, ingressar na universidade, ascender socialmente). Foi interessante perceber que os jovens mesmos colocam as limitações econômicas como grande empecilho para a realização de seus projetos de vida. Outra questão que fica evidente aqui é a relativa a questão de gênero, pois dentro do grupo de jovens estudados, a questão de gênero perpassava desde as relações de sociabilidades cotidianas (definindo, inclusive os lugares nos quais meninos e meninas transitam em seu dia-a-dia) até nos próprios projetos de futuro destes jovens (especialmente para as meninas integrantes do grupo que se tornaram mães durante período da adolescência).

Entendemos aqui que é de grande importância o reconhecimento das subjetividades e da história desses jovens, uma vez que na maioria das pesquisas isso é ignorado. Assim, no que se refere à formulação, implantação e avaliação das Políticas Públicas para as juventudes, faz-se necessário que as subjetividades e as vozes desses sujeitos possam emergir em toda sua potencialidade, caso contrário corre-se o sério risco de impor verticalmente políticas que, conseqüentemente, fracassariam em seus objetivos. Destacamos dessa forma nossa intenção de mergulhar no cotidiano desses jovens em sua comunidade e assim buscar entender como sua percepção de mundo e de futuro poderiam estar relacionadas às condições sociais, materiais e afetivas que cerca cada um destes jovens, entrelaçadas fortemente as questões de classe social e gênero.

## REFERENCIAS

- BOURDIEU, Pierre. **Coleção Grandes cientistas sociais**. São Paulo: Ática, 1983.
- \_\_\_\_\_. A juventude é apenas uma palavra. In: **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983a.
- CAMACHO, L. M. Y. **Projeto Agente Jovem**: ação, programa ou política pública de juventude? 27º encontro da ANPED, GT movimentos sociais e educação, Caxambu, MG, 2004.
- CASTRO, Mary G. Políticas públicas por identidades e ações afirmativas: acessando gênero e raça, na classe, focalizando juventudes. In: NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo (Org.). **Juventude e sociedade, educação, cultura e participação**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.
- MINISTÉRIO DA PREVIDÊNCIA E ASSISTÊNCIA SOCIAL. **Projeto Agente Jovem de Desenvolvimento Social e Humano**. Brasília, 2000.
- PINHEIRO, Verônica de Souza. Repensando a maternidade na adolescência. **Estud. Psicol.** v. 5, n 1, p. 243-251, jun. 2000. Disponível em: <[www.scielo.br](http://www.scielo.br)>. Acesso em: 14 jan. 2009.

SPOSITO, Marília P. Trajetórias na constituição de políticas públicas de juventude no Brasil.  
In: FREITAS, Maria Virgínia e PAPA, Fernanda (Org.). **Políticas públicas de juventude em pauta.** São Paulo: Cortez, 2003.